



## **Jornalistas de economia no Brasil: juventude, formação especializada e relações de parentesco no mercado de trabalho<sup>1</sup>**

Hérica Lene

Doutoranda em Comunicação e Cultura pela UFRJ<sup>2</sup>

### **Resumo**

Este artigo aborda o *habitus* dos jornalistas que atuam na cobertura de economia no Brasil. Trata-se de um estudo sobre a formação acadêmica e complementar, regiões de ingresso no mercado de trabalho, características da ocupação de cargos e relações de parentesco com jornalistas. O objetivo é traçar um perfil a partir da análise documental de três fontes: uma pesquisa feita em 1979 no Rio de Janeiro com 82 jornalistas (Quintão, 1987); outra com 55 profissionais do Rio, São Paulo e Brasília (Abreu, 2001;2003); e um levantamento do currículo de 491 jornalistas (Ribeiro & Paschoal, 2005). Diante desses dados, a questão que se coloca é: o perfil desse profissional mudou a partir da Nova República, diante do processo de redemocratização, governos neoliberais e de um cenário mundial marcado pelo avanço tecnológico, convergência multimídia e acelerada globalização econômica no final do século XX?

**Palavras-chaves:** Jornalismo de economia; *habitus*; campo jornalístico

### **Introdução**

Nas últimas décadas do século XX, o jornalismo de economia se expandiu no curso das transformações políticas e econômicas ocorridas no Brasil a partir da redemocratização e de um contexto histórico no qual a economia ganha cada vez mais força entre as esferas sociais.<sup>3</sup>

Até a década de 1970 o noticiário econômico no país era essencialmente financeiro/comercial, voltado para informações práticas: cotações da Bolsa, informações sobre câmbio, entrada e saída de navios, preços e produção de produtos agrícolas. A partir dessa década, os principais jornais passaram a dar destaque ao noticiário econômico não só porque as notícias sobre política sofriam forte censura, mas também porque a economia havia se tornado um dos temas centrais do regime militar.

Nos anos 1980, a redemocratização trouxe novos ares ao país e a imprensa vai refletir, naturalmente, essas mudanças. Diante das transformações do final do século passado, e tendo como objeto de estudo o jornalismo de economia, este artigo aborda a questão do *habitus* dos jornalistas que atuam nessa cobertura específica no Brasil.<sup>4</sup>

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado ao Núcleo de Pesquisa de Jornalismo do VII Encontro do Núcleo de Pesquisa da Intercom.

<sup>2</sup> Doutoranda em Comunicação e Cultura pela UFRJ, mestre em Comunicação pela UFF, especialista em Estratégias de Comunicação Organizacional pela Faculdade Cândido Mendes de Vitória e professora da Faesa (ES). E-mail: [hericalene@yahoo.com.br](mailto:hericalene@yahoo.com.br).

<sup>3</sup> O jornalismo de economia tem uma larga tradição e se consolida no Brasil ao longo do século XX. Os veículos de comunicação voltados para a indústria, o comércio e os negócios de maneira geral surgem em todo o país desde meados do século XIX. Pioneiro neste sentido é o *Jornal do Commercio*, fundado em 1827, no Rio de Janeiro, e que se mantém até hoje em circulação, apesar de sua baixa difusão e crises frequentes (Sodré, 1999; Barbosa, 2000).

<sup>4</sup> Ele integra uma pesquisa sobre a imprensa no Brasil nas duas últimas décadas do século XX, tendo como objeto de estudo o jornalismo de economia, que estou desenvolvendo no programa de Pós-Graduação em Comunicação e Cultura da UFRJ,

A questão que se coloca é: o perfil desse profissional mudou a partir da Nova República, diante do processo de redemocratização do país, governos neoliberais e de um cenário mundial marcado pelo avanço tecnológico, convergência multimídia e acelerada globalização econômica no final do século XX?

O objetivo é traçar um perfil desse profissional no início do século XXI a partir da análise documental<sup>5</sup> de três fontes: uma pesquisa feita no 1º Encontro de Jornalistas de Economia, realizado no dia 27 de outubro de 1979, no Rio de Janeiro, com 82 participantes (Quintão, 1987); outra com 55 profissionais da imprensa do Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília sobre o jornalismo de economia na transição democrática (Abreu, 2001;2003); e um levantamento do currículo de 491 jornalistas de todo o país realizado entre dezembro de 2004 e maio de 2005 (Ribeiro & Paschoal, 2005).

Trata-se de um estudo sobre essa subcategoria do campo jornalístico levando-se em conta aspectos da formação acadêmica e complementar, regiões de ingresso no mercado de trabalho, características da ocupação de cargos e relações de parentesco com outros jornalistas. Busca-se, portanto, observar o *habitus* desse grupo. Ao mapear a trajetória desses profissionais, neste artigo tomamos como referencial teórico os conceitos de campo<sup>6</sup> e de *habitus*<sup>7</sup> desenvolvidos pelo sociólogo Pierre Bourdieu (1997;1999).

## **1. Anos 70: a consolidação da categoria “Jornalismo de economia” na imprensa brasileira e o engajamento**

O jornalista de economia, nos anos 1970, começava a buscar uma maior especialização para atuar nessa cobertura, além da formação de nível superior. Em uma pesquisa sobre o

---

com o apoio do CNPq. O objetivo é compreender o processo de mudanças pelo qual passou o jornalismo nesse período. Será analisado também o surgimento de “jornalistas-personalidades” na cobertura de economia.

<sup>5</sup>Esta metodologia compreende a identificação, a verificação e a apreciação de documentos para determinado fim. Funciona como expediente eficaz para contextualizar fatos, situações, momentos. As fontes desse tipo de análise freqüentemente são de origem secundária: constituem conhecimento, dados ou informação já reunidos ou organizados (Moreira, 2005, 269-279).

<sup>6</sup>Bourdieu montou uma teoria geral da economia dos campos que permite descrever e definir a forma específica de que se revestem, em cada campo, os mecanismos e os conceitos mais gerais (capital, investimento, ganho). Leva em conta a estruturação social como que constituindo um ambiente de campos de poder: o político, o cultural e subcampos intelectuais, como o composto por jornalistas, por escritores e por educadores. O objetivo é perceber a gênese social de um campo, apreender aquilo que faz a necessidade específica da crença que o sustenta, o jogo de linguagem que nele se joga, as coisas materiais e simbólicas que estão envolvidas, para explicar os atos dos produtores e as obras por eles produzidas. Ele considera o jornalismo um campo que está sob pressão do campo econômico por intermédio do índice de audiência ou, no caso dos jornais, da venda dos exemplares por meio de assinaturas e em bancas. E, muito fortemente sujeito às pressões comerciais, exerce uma pressão sobre todos os outros campos, enquanto estrutura porque impõe sobre os diferentes campos de produção cultural um conjunto de efeitos que estão ligados, em sua forma e em sua eficácia, à sua estrutura própria, isto é, à distribuição dos diferentes jornais e jornalistas segundo sua autonomia com relação às forças externas, às do mercado dos leitores e às do mercado dos anunciantes.

<sup>7</sup> *Habitus* seria uma espécie de gramática de ações que serve para diferenciar um grupo social de outro no campo social. Seria, portanto, um conjunto de esquemas implantados desde a primeira educação familiar, constantemente reatualizado ao longo da trajetória social, que demarcam os limites à consciência possível a ser mobilizada pelos grupos e/ou classes, sendo assim responsáveis pelo campo de sentido em que operam as relações de força.



jornalismo dessa área no período do regime militar, Aylê-Salassié Filgueiras Quintão (1987, p.121-124) registrou o perfil do profissional nessa época, a partir de informações levantadas por meio de questionário com 82 dos 150 participantes do 1º Encontro de Jornalistas de Economia, realizado no dia 27 de outubro de 1979, no Rio de Janeiro.<sup>8</sup>

Participaram desse evento jornalistas de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Paraná, Sergipe, Ceará, Pernambuco e Bahia. O levantamento das informações desses profissionais mostrou que foi no período do “milagre econômico” que a maioria começou a atuar: 92,6% iniciaram suas atividades jornalísticas entre 1967 e 1976 e 38% entre 1969 e 1972.

Os estados do Rio de Janeiro e São Paulo eram os maiores empregadores desses profissionais. Dos 82 entrevistados, 42,7% começaram a trabalhar na profissão no Rio e 36,6% em São Paulo. Juntos, esses dois centros urbano-industriais absorviam 79,3% dos jornalistas de economia no país nos anos 1970.

Com relação à formação desse profissional e seu preparo intelectual formal para o exercício das atividades da cobertura jornalística de economia, a pesquisa feita por Quintão (1987, p.121-124) mostra que 60,9% eram graduados apenas em Comunicação e 27% em um outro curso da área de Ciências Sociais – 9,7% em Ciências Sociais; 8,5% em Economia; e 8,5% em Direito. O percentual restante representa os que começaram, mas não concluíram um curso superior, e os que não tinham nenhuma formação universitária.

Dos 79,5% dos jornalistas com curso superior, 43% fizeram seus cursos no Rio de Janeiro e 36,5% em São Paulo. Os graduados em Comunicação Social começaram a ocupar o espaço nesse mercado de trabalho já a partir de 1966.<sup>9</sup>

As instituições mais citadas como local de formação desses jornalistas foram: as faculdades Cândido Mendes e a de Filosofia, a Universidade Federal (UFRJ) e a PUC, no Rio de Janeiro; e a Faculdade Cásper Líbero e a USP, em São Paulo.<sup>10</sup>

---

<sup>8</sup> O evento foi patrocinado pelas três associações desses profissionais criadas na década de 1970: a AJOESP, fundada em São Paulo em 1972, com 70 associados; a AJEF, que surgiu em 1973 no Rio de Janeiro, com 50 sócios; e, em 1976, foi criada, em Brasília, a AJOEB, com cerca de 100 associados. O objetivo era se fortalecer como categoria porque esses profissionais tinham dificuldade de acesso às fontes e estavam submetidos ao rigor da censura (Quintão, 1987, p.118-121). Com a redemocratização do país, Abreu (2003, p.48) registra que essas associações deixaram de existir porque acabaram perdendo o objetivo, na medida em que se ampliaram as fontes de informação e que deixou de ser um privilégio de alguns o acesso aos responsáveis pelas decisões políticas e econômicas do país.

<sup>9</sup> Somente em 1969 o diploma de bacharel em Jornalismo ou Comunicação passou a ser de fato condição para se obter o registro profissional e para o exercício das atividades (através do decreto-lei 972 de 17/10/69). Mas o movimento para a consolidação de uma formação específica da categoria começou em 1938, quando Getúlio Vargas, através do decreto-lei n.910, dispôs sobre as condições de trabalho nas empresas jornalísticas e criou as escolas de jornalismo (Ribeiro, 2000, 256-267). Os cursos de Jornalismo de nível superior haviam sido criados em 1943, mas a grande procura por eles deu-se a partir dos anos 1960 (Abreu, 2003, p.31).

<sup>10</sup> O primeiro curso regular de jornalismo do país foi fundado pela Fundação Cásper Líbero, vinculado à Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras São Bento, da PUC-SP, autorizado pelo decreto nº 23087, de 19 de maio de 1947. O primeiro



Nos anos 1970, poucos jornalistas tinham pós-graduação. A pesquisa feita em 1979 mostra que apenas dois dos 82 entrevistados fizeram esse tipo de curso, sendo que um fez mestrado em Comunicação pela PUC do Rio de Janeiro e, o outro, mestrado em Economia Internacional em São Paulo.

O jornalista tinha uma formação suficiente para atuar no jornalismo de economia? Quintão (1987, 121-124) constata que a experiência desses profissionais para cobrir a área não era suficientemente sólida. Os cursos acadêmicos formais apresentavam deficiências do ponto de vista da preparação de profissionais para essa cobertura específica. Nessa época, surgiram cursos rápidos de especialização ou treinamento nessa área (25,6% dos entrevistados afirmaram que fizeram em busca de suplementar sua formação acadêmica).

Com relação ao posicionamento dos jornalistas de economia sobre sua atuação no período, Quintão identificou nesse grupo duas principais correntes na época. Uma defendia o treinamento e a especialização como fundamentais para a preparação dos repórteres de economia, considerando-a um instrumento novo e essencial para o exercício da profissão na área. E a outra entendia que a especialização, pelo contrário, servia para legitimar um regime político autoritário e o sistema econômico concentrador de renda e alienante em vigor. “Para esse segundo grupo, os jornalistas de economia tornam-se veículos de difusão da ideologia do segmento de classe que se apodera dos aparelhos do poder do Estado a partir de 1964” (*ibid.*, p.110).

Em um período de uma imprensa vigiada pelo regime militar, predominou o oficialismo na cobertura de economia. E era frequente ocorrer a cooptação desse profissional por parte das autoridades governamentais.

Alzira Alves Abreu (2001;2003), em uma pesquisa realizada por com 55 jornalistas da imprensa do Rio de Janeiro, São Paulo e Brasília, também fez uma abordagem sobre o posicionamento político junto à da formação educacional desses profissionais.

Ela verificou que entre os jornalistas que ocupavam cargos de prestígio ou de direção nas redações, e iniciaram a vida profissional nos anos 1970-1980, houve um aumento dos que concluíram cursos universitários de Jornalismo (53%) em relação aos formados em Ciências sociais, História ou Economia (23%) e em Direito (6%). Na geração anterior, a que ingressou nas redações no período do pós-guerra ou durante os anos 1950, somente 8% fizeram o curso

---

curso de uma instituição pública foi criado na Faculdade Nacional de Filosofia da Universidade do Brasil, a atual UFRJ (Ribeiro, 2000, p.258).



de Jornalismo, e os que frequentaram universidade, em sua maioria, concluíram a graduação em Direito (Abreu, 2003, p.31).<sup>11</sup>

O estudo de Abreu, realizado no final do século passado, mostrou que a geração de jornalistas que iniciou a vida profissional nos anos 1960, durante o regime militar, viveu o auge do engajamento político. E que a profissionalização foi, inclusive, procurada como um recurso para uma atuação autônoma do ponto de vista político, “um meio de o jornalista obter o reconhecimento social através da especialização” (*ibid.*).

Antoine Prost, citado por Abreu (2001, p.4; 2003, p.17), registra que o engajamento é típico do século XX porque foi nesse século que caíram todas as barreiras que impediam o direito do indivíduo de se associar, se reunir e se expressar e ampliaram-se os sindicatos, os partidos políticos, os movimentos de reivindicação, as associações cívicas etc. O engajamento é uma atitude pessoal, é uma decisão “voluntária” e se engajar politicamente significa a adesão a uma ideologia e o exercício de uma atividade organizada no interior de um partido ou movimento.

Abreu (*ibid.*), ao citar Michelle Perrot, explica que ser engajado é participar de um conjunto de valores, atitudes, de um processo de identidade. O engajamento teria nascido do sentimento do intolerável diante da injustiça, da indignação provocada pela arbitrariedade, levando à idéia de que a passividade é culpada e cúmplice.<sup>12</sup>

O indivíduo engajado se mobiliza em torno de objetivos políticos, que podem ser orientados para a luta pela garantia das liberdades democráticas, pelos direitos dos cidadãos, contra as ditaduras, pela reunião ou separação dos territórios de uma nação, em defesa da classe operária, em defesa dos oprimidos etc.

No Brasil, ser engajado nos anos 1960/1970, representava participar de ações a serviço de uma sociedade mais justa, mais igual, derrubar os militares do poder e implantar um regime democrático ou socialista. Neste último caso estavam os filiados ao Partido Comunista Brasileiro (PCB), ao Partido Comunista do Brasil (PC do B) e a outros movimentos de esquerda e também aos movimentos revolucionários de guerrilha que se formaram no final dos anos 1960 (Abreu, 2001, p.3-4; 2003, p.18).

---

<sup>11</sup> O curso de Direito era procurado pela maioria dos jornalistas que atuavam na imprensa carioca no final do século XIX e início do XX, conforme registra Barbosa (2000, p. 61-112), em um estudo sobre os principais jornais diários do Rio de Janeiro entre 1880 e 1920. Em segundo lugar vinham os cursos médicos. Grande parte dos jornalistas se formava nos estados de São Paulo e Rio de Janeiro. Mapeando um total de 44 jornalistas oriundos das Faculdades de Direito, 27 eram formados pelo Rio e 7 por São Paulo. Nove outros haviam concluído o curso em Recife e apenas um no exterior (em Coimbra)

<sup>12</sup> Cf. Michelle Perrot. *La cause du peuple*. In: *Vingtième Siècle* n° 60 outubro-dezembro de 1998 p.4-13.



A imprensa foi para muitos jovens o caminho para divulgar suas posições ideológicas, uma forma de exercer um engajamento político. Essa ação resultou na introdução de mudanças na imprensa e na forma de praticar o jornalismo.

Abreu (2001, p.6) registra que dos entrevistados para sua pesquisa, 42% foram filiados a partidos ou movimentos de esquerda, sendo que 60% declararam sua filiação ao PCB durante os anos 1960/70. Os outros 40% se distribuem entre os vários movimentos de esquerda que atuaram no final dos anos 1960 e que atraíram um grande número de jovens universitários com propostas de mudanças sociais por meio da luta armada.

É importante assinalar que no período pós-guerra, no Brasil, muitos jornais de prestígio e grande circulação tinham entre seus jornalistas filiados ou simpatizantes do PCB. A escolha por essa profissão era uma forma de exercer um engajamento político, divulgar uma ideologia e atuar politicamente. No final dos anos 1960, foram os dissidentes do PCB que utilizaram a imprensa como forma de engajamento.

Essa predileção por parte das redações em contratar jornalistas “engajados” para os seus quadros aparece em relatos de profissionais da imprensa que atuaram nessa época, como é o caso do feito pelo jornalista Cláudio Lachini (2000). Ao relatar o processo de modernização pelo qual passou esse diário de notícias de economia na metade dos anos 1970, ele registrou:

A redação do jornal foi se fortalecendo com novas contratações. Muitos eram ex-militantes da política estudantil. Luiz Fernando Levy<sup>13</sup> chegou a confessar que preferia jornalistas de esquerda e, particularmente, quem tivesse passado pelo Partido Comunista Brasileiro (PCB) por serem considerados “os melhores quadros da imprensa, disciplinados, combativos, leais e conservadores” (*ibid.*, p. 24).

E é possível perceber se o jornalista mudou com relação ao seu posicionamento político do regime militar para o período de redemocratização? Abreu (2001, p.12-13) afirma que a partir dos anos 1980 esse engajamento começou a diminuir ou a assumir novas formas.

As editorias de economia, criadas ou reestruturadas durante a ditadura militar, com a redemocratização do país, continuaram a deter um grande prestígio nas redações. A redemocratização no Brasil se deu paralelamente à desilusão política com o socialismo, com a desagregação do regime comunista, com o desprestígio da ideologia marxista e com o fim das utopias de construção de um mundo socialista mais justo e mais igual (Abreu, 2001, p.12-13).

---

<sup>13</sup> Luiz Fernando Levy herdou em 1980 o jornal, fundado em 1920 e adquirido por sua família em 1934 (Lachini, 2000, p.62).



Este é o momento em que velhas formas de engajamento político desaparecem, é o momento de atitudes apolíticas, de recuo dos intelectuais, que não desempenham mais o papel de mediadores ou porta-vozes das idéias de mudança e de revolução. Há uma ascensão dos técnicos, dos “experts”, dos jornalistas, que falam sem paixões.

Para Abreu (*ibid.*), está nascendo um novo tipo de engajamento, em que o cidadão tem pouco interesse em uma participação institucional, não tem interesse em aderir a um partido ou movimento, de atuar politicamente por meio de expressão artística, literária etc. “O engajamento agora se atomizou e se privatizou. Não tem mais motivações revolucionárias, não quer mudar o mundo.”

Os jornais passaram a valorizar os aspectos técnicos, mais profissionais do jornalismo, em detrimento de ideologias e da política. Hoje, quando o país vive um período de plena liberdade de imprensa, com o funcionamento das instituições democráticas, há um desinteresse crescente pelos temas políticos, que é geralmente atribuído ao público consumidor de notícias.

Alguns jornalistas declaram que os leitores ou telespectadores têm um interesse cada vez maior pelo noticiário jornalístico de forma utilitária; o público se interessa por aquilo que ele pode usar, busca informações que podem lhe trazer algum ganho direto e imediato. Ele tem cada vez menos tempo para se dedicar à leitura de jornais, está cada vez mais seletivo, mais pragmático, utilitário. Por outro lado, houve uma enorme fragmentação de interesses, e o número de assuntos que têm a atenção do público é cada vez maior.

A pesquisa de Abreu identificou, portanto, algumas orientações do jornalismo que são praticadas no início deste século: um jornalismo apartidário, despolitizado e pluralista. “Os jornalistas ontem eram engajados politicamente, tinham uma ação dentro de partidos políticos ou movimentos. Hoje são profissionais ou técnicos que vivem a crise do engajamento” (Abreu, 2001, p. 12-13).

## **2. Mudanças no *habitus* no final do século XX?**

Que outras mudanças podem ser observadas no *habitus* do profissional que atua no jornalismo de economia nas duas últimas décadas do século XX e início do XXI? O aumento da capacitação profissional por meio de cursos de pós-graduação e de extensão na área de economia no Brasil e no exterior é, certamente, uma delas, principalmente porque os profissionais agora enfrentam um mercado de trabalho muito mais concorrido e exigente do que três décadas atrás.



A partir da análise dos currículos de 491 profissionais publicados no livro *Jornalistas Brasileiros – quem é quem no jornalismo de economia* (Ribeiro & Paschoal, 2005), resultado de um levantamento realizado entre dezembro de 2004 e maio de 2005, é possível verificar o perfil de quem produz a notícia de econômica neste início de século.

Nesse livro, levou-se em conta dois critérios para publicação dos currículos: jornalista que trabalha com economia e que tenha alguma ligação com um veículo de comunicação, considerando-se veículo as agências de notícias, as emissoras de rádio e de TV, os jornais, as revistas e os sites. Além dos que trabalham com economia em veículos ou colaboram com algum deles, também foram incluídos os diretores de redação e/ou editores chefes.<sup>14</sup>

A maior parte dos profissionais que atuam no noticiário de economia são formados em Comunicação Social. Do total, 340 declararam ter graduação em Jornalismo (69,24%), sendo que 44 são formados em Jornalismo e também em outra graduação (8,96%).

Dos 44 que têm dupla formação, nove são formados em Jornalismo e em Economia (1,8% dos 491 entrevistados), seis em Jornalismo e em Letras, um em Jornalismo e em Matemática e sete em Jornalismo e Direito.

Dos que atuam como jornalistas, mas não são formados em Comunicação Social, somente três têm formação superior apenas em Economia; 12 em Direito, sendo que dois em Direito e em outra graduação da área de Humanas; três em Ciências Sociais e 14 têm graduações em outras áreas.

A região Sudeste do país abriga o maior mercado de trabalho para os jornalistas de economia e é onde se encontram as instituições de ensino mais procuradas para a formação acadêmica. Lá, se formaram 52,74% dos 491 profissionais. São Paulo e Rio de Janeiro continuam, como nos anos 1970, sendo os dois grandes centros de formação acadêmica e de iniciação na carreira do jornalismo de economia: 180 se formaram em instituições paulistas e 52 em escolas cariocas. Do total, 39 graduaram-se na região Sul do país, 35 no Nordeste, 14 na Centro-Oeste e 8 na Norte.

As instituições de ensino superior responsáveis pela formação da maior parte dos jornalistas que atuam na área de economia no país continuam sendo as tradicionais USP e Faculdade Cásper Líbero e a UFRJ. Na sequência das mais procuradas, estão as Pontifícias Universidades Católicas (PUC) de São Paulo e do Rio de Janeiro.

---

<sup>14</sup> O universo de 491 entrevistados ficou dividido da seguinte forma: 402 jornalistas que atuam em redação; 72 que ocupam cargos de direção (diretor ou editor-chefe) e 17 classificados na publicação como “independentes” porque trabalhavam em redação e, atualmente, embora não estejam vinculados a um veículo, continuam trabalhando com jornalismo econômico como *free-lancers*.





Ainda com relação à formação do jornalista de economia, observa-se que o profissional do final do século XX e início deste está mais preocupado em continuar a se capacitar. Dos 491 considerados na pesquisa, 31,6% fizeram uma pós-graduação: 86 especialização (17,5%); 30 mestrado (6,10%); 38 MBA (7,73%) e apenas um fez doutorado.

O jornalista de economia está buscando se especializar mais para desenvolver a cobertura específica na qual atua. Das áreas procuradas para a pós-graduação, 81 fizeram cursos dentro do campo da economia (incluindo cursos de jornalismo de economia), 50 fizeram em Comunicação e 21 em outras áreas.

A formação complementar por meio de cursos de extensão ou de curta duração também tem sido procurada para a absorção de conhecimentos específicos sobre os diversos segmentos que compõem a cobertura jornalística do campo econômico. Do total, 48 declaram que fizeram esse tipo de aperfeiçoamento profissional: 26 na área de economia; 15 fizeram cursos de treinamento em jornalismo promovidos por veículos de comunicação (*Estado de S. Paulo, Editora Abril e Gazeta Mercantil*) e sete fizeram outros cursos na área de jornalismo.

## **2.1 Ocupação na redação: jovens na reportagem e experientes em cargos de direção**

Verifica-se uma maior participação de profissionais jovens na imprensa de economia. A maior parte dos 491 jornalistas começou na profissão nas duas últimas décadas do século XX: 24,43% nos anos 1980 e 34% nos anos 1990. Por que temos uma imprensa de economia formada predominantemente por jovens?

O fato do século XXI ter começado mal para as empresas jornalísticas, que passaram a existir diante de um cenário de crise financeira, pode ser uma das principais causas. A crise que assolou o mercado e as empresas de comunicação, entre os anos 2000 e 2004, acabou expulsando do mercado jornalistas experientes e abriu espaço para jovens.

O crescimento do endividamento – com a tomada de créditos externos nos anos 1995-1998, com o dólar em baixa – somado a investimentos nem sempre bem sucedidos em telecomunicações e combinado com a estagnação da economia nacional desde 2001 levaram grandes empresas a refazer suas estruturas, renegociar dívidas com credores e a demitir funcionários.

A história mostra que, quando a economia do país vai mal, a mídia é um dos primeiros setores atingidos, porque empresas privadas, estatais e governo se retraem e cortam imediatamente verbas publicitárias. Empresas antes sólidas e de tradição, como o *Jornal do Brasil* e a *Gazeta Mercantil*, deixaram de recolher impostos, terceirizaram seus funcionários



para não pagar encargos trabalhistas e, volta e meia, enfrentam greves por atraso de salários (Caldas, 2003, p. 35).<sup>15</sup>

Enquanto as editorias de economia das redações estão sendo ocupadas por jovens profissionais na produção da notícia, nos cargos de direção (diretor ou editor-chefe) predominam jornalistas com mais experiência. Verifica-se essa característica ao observar que dos 52 dos 72 entrevistados dessa categoria que informaram a época em que começaram a trabalhar no jornalismo, 16 deles entraram nesse mercado na década de 1950; 18 nos anos 1960; e 13 nos anos 1970. Apenas cinco entraram no mercado nos anos 1980 e somente um nos anos 1990.

Com relação à formação desses 72 jornalistas mais experientes que ocupam cargo de direção, 36 informaram que têm curso superior em Jornalismo, sendo cinco com duas graduações (em Jornalismo e em outra área das ciências humanas).

Como nas décadas de 1950 e 1960 ainda não estava consolidada a exigência de diploma em jornalismo para o exercício da profissão, verifica-se a formação em outros cursos superiores: 8 em Direito; dois somente em Ciências Sociais; um em Economia; um em Matemática; um em Letras; e um em Letras e em Matemática.

A preocupação dos profissionais que entraram no mercado jornalístico entre os anos 1950 e 1970 em buscar uma formação acadêmica após a graduação era menor. Havia uma valorização da experiência na área de jornalismo que não necessariamente passava pelo fato de o profissional ter especialização, mestrado ou até mesmo doutorado.

Do total dos ocupantes de cargo de direção, dois informaram terem feito curso de extensão (na área de economia), 8 fizeram especialização, três cursaram um mestrado e nenhum fez MBA ou doutorado. Dos que fizeram pós-graduação, dois cursaram na área de Economia, seis em Comunicação e dois em outras áreas das Ciências Humanas.

## **2.2 Mulheres ocupam redações, mas são minoria nas chefias**

A cobertura do noticiário econômico neste início de século tem a participação de grande número de mulheres. Do total, levando-se em consideração os jornalistas que atuam em redação (fixos e *free-lancers*) e os que ocupam cargos de direção, 251 são homens e 236 são

---

<sup>15</sup> As redações da *Gazeta Mercantil* chegaram a empregar 500 jornalistas em todo o Brasil. Eles produziam a edição nacional e também os 21 jornais regionais que a empresa chegou a ter antes da crise que a acometeu nos últimos anos do século XX. Em 2001, demitiu 400 pessoas (incluindo jornalistas e outros profissionais) num só dia. Em 2004, aproximadamente 300 jornalistas trabalhavam para a produção do conteúdo da *Gazeta Mercantil* (LENE, 2004).



mulheres. A presença feminina, portanto, é praticamente proporcional: 51% homens e 48% de mulheres.

Mas ao analisar as duas subcategorias em separado, percebe-se que há uma diferença na ocupação dos cargos e distribuição de poder entre gêneros. Em redação, as mulheres têm uma maior presença: 222 dos 419 que compõem o grupo de jornalistas que atuam em veículos para a cobertura de economia, ou seja, elas representam 45,21%. E são 188 homens: 38,28% desse grupo.

Em cargo de direção, no entanto, predomina o gênero masculino. Dos 72 jornalistas dessa subcategoria, 63 são homens e apenas 8 são mulheres. Esse dado reflete a distorção na ocupação de cargos que ocorre no mercado de trabalho no Brasil: as mulheres representam metade da população economicamente ativa do país, mas ainda são minoria nos cargos de chefia.<sup>16</sup>

No jornalismo, pouco a pouco, esse hiato vem diminuindo e a mudança de comportamento já aparece em registros em livros e em sites da categoria como uma conquista e uma evolução do mercado. No *Comunique-se*, por exemplo, foi registrada pelo jornalista Eduardo Ribeiro:

As mulheres, por todos os indicadores existentes, já são maioria tanto nas redações quanto nos bancos universitários, nos cursos de jornalismo. Apesar disso, sua ascensão ao comando dos veículos ainda se dá de forma lenta e de certo modo parcimoniosa. Mas a cada dia vemos que os tabus vão caindo e os postos de comando, mesmo em veículos apontados como "privativos" de homens, começam a ser ocupados com naturalidade por mulheres. Temos, é bem verdade, vários tabus para serem quebrados ainda, mas isso é apenas uma questão de tempo. Pode demorar alguns anos, mas chegará o dia em que também veremos mulheres no comando de publicações "másculas" como *Veja*, *IstoÉ* e *Época*, de jornais da estirpe de um *Estadão*, de uma *Folha de S.Paulo*, de um *O Globo*, de um *Zero Hora*, de um *Estado de Minas*, do jornalismo das principais redes de televisão do País como *Globo* (sem esquecer que Alice Maria já chegou lá), *Band*, *Record* e *Cultura* etc (Ribeiro, 2005).<sup>17</sup>

A jornalista Suely Caldas registra que as mulheres foram chegando nas redações, sobretudo, nos anos 1980, e que nessa época os homens começaram a se afastar para criar suas próprias empresas de assessoria de imprensa. Ela estima que hoje a proporção de

---

<sup>16</sup> No ambiente corporativo brasileiro, 72% dos cargos de gerência e supervisão são ocupados por homens, de acordo com uma pesquisa realizada pela empresa Ken Blanchard no país com 2,3 mil líderes de 47 empresas nacionais, de 14 segmentos diferentes, e divulgada em 2005. Ela mostra que a representação de mulheres em cargos de chefia ainda é pequena, mas não foi constatada diferença de eficácia entre os sexos em suas ocupações. O ambiente empresarial brasileiro ainda se mostra muito tradicional, no qual se espera tipicamente que o gerente seja homem (Reis, 2005). A Pesquisa Nacional Por Amostra de Domicílios (PNAD 2002), do IBGE, mostra que há, no país, discriminação também com relação à remuneração no mercado de trabalho. A presença das mulheres vem se tornando cada vez maior, mas que, em 2002, elas continuavam com rendimento inferior ao dos homens.

<sup>17</sup> Cf. Ribeiro, Eduardo. *Novo tabu quebrado pelas mulheres*. In: *Comunique-se* ([www.comunique-se.com.br](http://www.comunique-se.com.br)), 6 de abril de 2005. Acesso em 1º de março de 2007.



mulheres no jornalismo de economia seja de 70% para 30% de homens e registra o fato delas começarem a ocupar cargos de chefias:

No início dos anos 90, elas já dominavam a área: a editora econômica de *O Globo* era Joyce Jane, do *Estadão*, Célia Chaim, da *Folha de S. Paulo*, Leonora de Lucena, e do *Jornal do Brasil*, Cristina Calmon. Na *Gazeta Mercantil* brilhavam muitas estrelas, entre elas Claudia Safatle, Maria Clara do Prado, Beth Cataldo, Célia Gouveia Franco, Angela Bittencourt e Vera Brandimarte. E, na *Globo*, Lílian Witte Fibe, egressa da *Gazeta*, acumulava a editoria de economia com o papel de apresentadora de telejornais (Caldas, 2003, p.33).

Com relação aos salários, Caldas (2003, p.33) fala que elas começaram ganhando menos que os homens, mas que depois passaram a disputar o mercado de trabalho em condições iguais, não enfrentando mais os preconceitos dos anos 1960 e 1970. “Hoje, o critério de escolha é o da competência, experiência e talento, não de sexo”, ressalta a autora, que começou na carreira em 1966 e se formou em Jornalismo pela UFRJ em 1967.

Sobre a questão da remuneração dos jornalistas de economia, os dados analisados para a elaboração deste artigo não abordam este aspecto. Sobre os salários, Caldas (2003, p.34) registra que o jornalista de economia já foi o mais bem pago no passado, quando as editorias dessa área ainda estavam se organizando.

Hoje, os salários ainda são ligeiramente mais altos que os de outras editorias, mas não muito. Não é mais o setor do jornalismo que define os melhores salários. É conhecimento, cultura, competência, talento, bom texto e, sobretudo, capacidade de fazer uma reportagem em qualquer área do jornalismo, sensibilidade de capturar a atenção do leitor e transmitir o que tem a dizer com simplicidade e emoção, qualquer que seja o assunto (*ibid.*).

A autora cita alguns valores médios de remuneração de jornalistas de economia. As empresas têm políticas de recursos humanos diferenciadas e os salários variam. Nas grandes publicações – *Valor Econômico*, *Estado de S. Paulo*, *Folha de S. Paulo* e revistas especializadas – o salário médio é próximo de 16 salários mínimos, ligeiramente acima do que é pago por outras editorias, com exceção de política. “Em Brasília, a média salarial melhora, há mais competição por talentos, e os bons profissionais ganham entre 32 a 40 salários mínimos mensais, aproximadamente” (Caldas, 2003, p.34).

O *Jornal do Commercio* do Rio de Janeiro, o segundo jornal mais antigo do país (fundado em 1827), é o que paga menores salários, mas virou uma espécie de formador de profissionais para outros jornais. O repórter iniciante nesse veículo ganha, em média, seis salários mínimos, passando para cerca de oito se for transferido para uma empresa maior (Caldas, 2003, p.34).



### 2.3 Herança no jornalismo de economia

Além da questão da ocupação das redações pelos gêneros, a análise dos currículos do levantamento feito em 2005 mostra também que há influência das relações de parentesco na ocupação dos cargos na imprensa de economia ou na decisão de seguir a profissão. Muitos jornalistas dessa área têm parentes atuando no jornalismo, tanto consangüíneos (pais e filhos, avós e bisavós, irmãos, tios e sobrinhos) quanto por afinidade (cunhados, tios e sobrinhos irmãos do cônjuge, noras e genros).

Do total, 72 afirmaram ter parentes jornalistas e dois especificaram que têm parentes trabalhando com jornalismo de economia. O casamento com jornalistas também pode ser verificado na pesquisa: 27 são casados com pessoas da mesma profissão e mais seis têm como cônjuge jornalistas que atuam na área de economia.

Essas relações de parentesco ou até mesmo de amizade contribuem para a inserção desses profissionais nas redações. Isabel Travancas (1993), em uma pesquisa sobre o mundo dos jornalistas, registra que a entrada no mercado de trabalho implica a conjunção de dois fatores: competência e relações pessoais – fatores que vão influenciar também na ascensão dentro da carreira. Ambos, segundo ela, são apontados pelos jornalistas como importantes.

Essa pesquisa mostrou que quase todos arranjaram o primeiro emprego graças, principalmente, a algum professor, amigo ou parente que lhes abriu as portas de um veículo. Também são comuns os casos em que o bom desempenho na faculdade levou à obtenção de um estágio ou emprego, ainda que temporário (Travancas, 1993, p.86-87).

Aliás, essa característica – indicação de parentes ou amigos – compõe o *habitus* dos jornalistas há um longo tempo. Em um estudo sobre a imprensa carioca no período de 1880 a 1920, Marialva Barbosa (2000, p. 79) registra esse como um dos principais traços da profissão no final do século XIX e início do XX:

No caso dos jornalistas, a condição de ser hereditariamente ligado a um profissional do setor facilita o ingresso nos jornais, uma vez que a admissão se faz invariavelmente por apresentações pessoais: o jovem acadêmico torna-se repórter levado pelas mãos de um parente próximo ou de um conhecido com prestígio político e/ou alguma relação com um dirigente dessas publicações. A partir dos próprios conhecimentos travados nos jornais pode ser convidado para assumir postos em outras publicações (Barbosa, *ibid.*).

Na imprensa de economia do final do século XX e início do XXI, temos alguns exemplos desses fatores de influência. Três jornalistas que são referência na cobertura dessa área no país têm parentes na mesma profissão: Joelmir Beting, Sidnei Basile e Luís Nassif.



Joelmir Beting, que se iniciou na carreira como revisor do *Diário da Noite* em 1956, aos 19 anos, ainda enquanto estudava Sociologia na USP, hoje é chefe de um clã de jornalistas: além do filho Mauro, a nora Helen Martins, a cunhada Cecília Zioni, e os sobrinhos Graziella Beting, Erich Beting, Vico Iasi e Letícia Zioni.<sup>18</sup>

Beting primeiro atuou como jornalista de esportes. “Quando eu me formei em 1961, em Sociologia, eu resolvi sair do jornalismo esportivo para o jornalismo econômico. Mas, antes disso, eu tive de aguardar a Copa do Mundo de 1962, só depois da Copa é que eu deixei o jornalismo esportivo e fui para o jornalismo econômico, inicialmente cobrindo o setor da indústria automobilística, que estava, no caso do Brasil, decolando”, afirmou. Ele se formou Sociologia na USP, onde estudou cinco anos de doutrina econômica e economia política, e depois fez mestrado em Sociologia Industrial.<sup>19</sup>

Sidnei Basile, que é advogado e cientista social formado pela USP, iniciou sua carreira na imprensa em 1968 e hoje ocupa o cargo de diretor secretário Editorial e de Relações Institucionais do Grupo Abril, também fez herdeiros no jornalismo de economia. Seu filho, Juliano Basile, é repórter da sucursal do *Valor Econômico* em Brasília desde 2000 e também é, por sua vez, casado com uma jornalista, Viviane Basile, da *TV Globo* de Brasília.<sup>20</sup>

Já Luís Nassif, formado em Jornalismo pela USP em 1978, tem dois parentes na profissão: Luiz Fernando Mercadante, que foi casado com uma tia de Nassif, e foi diretor da revista *Realidade* e diretor da *Globo*; e a irmã, Maria Inês Nassif, jornalista política de várias publicações.<sup>21</sup>

Nassif deu os primeiros passos na área aos 15 anos, como redator, mas começou no jornalismo profissional em 1970, na reportagem geral da revista *Veja*. Quatro anos depois, começou a atuar na área de economia desse veículo e, em 1975, na cobertura de finanças. Ele conta que o fato de ter se especializado em matemática financeira ajudou no seu desempenho profissional.<sup>22</sup>

A importância das relações pessoais no ingresso na profissão ou na ascensão na carreira também pode ser exemplificada pelo relato da jornalista Vera Saavedra Duraão, formada em Jornalismo pela Universidade Federal Fluminense (UFF):

Comecei a me aventurar no jornalismo depois que saí da cadeia da ditadura, no longínquo ano de 1973. Como tinha iniciado o curso de jornalismo, resolvi concluí-lo e me tornar

---

<sup>18</sup> Cf. RIBEIRO, Eduardo & PASCHOAL, Engel. *Jornalistas Brasileiros – quem é quem no jornalismo de economia*. São Paulo: Mega Brasil e Call Comunicações, 2005, p.187-198.

<sup>19</sup> Entrevista à autora no dia 26 de março de 2007.

<sup>20</sup> Cf. RIBEIRO & PASCHOAL, op. cit., p.203, nota 19.

<sup>21</sup> Cf. RIBEIRO & PASCHOAL, op. cit., p.215-216, nota 19.

<sup>22</sup> Entrevista à autora no dia 26 de março de 2007.



jornalista. Fui ajudada, na época, pelo fato de que conheci a Suely Caldas, cujo marido Álvaro Caldas, estava preso junto com o meu, aqui no Rio.<sup>23</sup>

Vera Saavedra Duraão foi indicada pela amiga, que trabalhava na pesquisa do *Jornal do Brasil*, para fazer um *free-lancer* para o veículo. “Depois, consegui com o Ramaiana, jornalista que também estava preso com o Álvaro Caldas, um estágio na rádio JB, em 1973”, contou ela, que acrescentou que na época “era mais fácil arranjar emprego”.

## Conclusão

A análise dos resultados das pesquisas de Quintão (1987) e Abreu (2001;2003) forneceu características do *habitus* dos jornalistas de economia que atuavam na imprensa brasileira do período anterior ao da redemocratização do país. Verifica-se que o profissional começava, nos anos 1970, a buscar a capacitação por meio de cursos de extensão ou de pós-graduação para a cobertura do campo econômico.

No início deste século, ao analisar os currículos de 491 jornalistas de economia que atuam nos veículos de comunicação do país, verifica-se que a preocupação com a capacitação profissional por meio de cursos de pós-graduação e de extensão na área de economia no Brasil e no exterior é, certamente, uma mudança e uma tendência, principalmente porque os profissionais agora enfrentam um mercado de trabalho muito mais concorrido e exigente do que nos anos 1970. Não basta apenas o aprendizado da profissão no dia-a-dia nas redações, como era comum ocorrer na imprensa até o início da segunda metade do século XX.

A maior parte dos profissionais que atuam no noticiário de economia neste início de século são formados em Comunicação Social. Do total, 340 declararam ter graduação em Jornalismo. E a maioria também se forma e se emprega na região Sudeste. As mais citadas instituições de ensino superior responsáveis pela formação desses profissionais no país continuam sendo as tradicionais USP e Faculdade Cásper Líbero e a UFRJ.

O mercado de trabalho para o jornalista de economia está bastante concentrado na região Sudeste. Os 491 jornalistas da pesquisa de 2005 estão empregados ou têm outros tipos de vínculos trabalhistas com 108 veículos de comunicação, sendo que 65,75% estão nessa região: 57 em São Paulo, 10 no Rio de Janeiro, três em Minas Gerais e um no Espírito Santo. O restante está distribuído nas outras regiões do país: 11,11% tanto no Nordeste quanto no Sul; 6,5% no Centro-Oeste e 4,63% no Norte.

---

<sup>23</sup> Cf. RIBEIRO & PASCHOAL, op. cit., p.309-311, nota 19.



Dentro do universo desta análise, observa-se que o profissional que atua na cobertura dos fatos econômicos se emprega em pelo menos: oito jornais especializados nessa área; 41 jornais de cobertura geral, inclusive a de economia; em 18 revistas especializadas; em 9 revistas gerais; em sete emissoras de TV; em três canais de TV a cabo; em dez agências de notícia; em sete emissoras de rádio e em cinco sites especializados.

Com relação às relações desse profissional com e no mercado de trabalho, observa-se por meio da análise dos currículos que há uma maior participação de profissionais jovens na imprensa de economia. As mulheres têm participado cada vez mais desse mercado, mas continuam em pouca quantidade nos cargos de direção, ocupados em sua maioria por homens e com maior tempo de atuação no jornalismo.

Outro traço da profissão que a análise dos currículos assinala é a alta rotatividade. É comum o jornalista de economia ter passado por vários veículos de comunicação e mudar com certa frequência de emprego.

Observa-se também que a entrada no mercado de trabalho implica a conjunção de dois fatores: competência e relações pessoais (incluindo parentesco com outros jornalistas) – fatores que vão influenciar também na ascensão dentro da carreira.

A alta rotatividade e a indicação de parentes ou amigos para ingresso ou troca de cargos ou de veículos compõem o *habitus* dos profissionais que atuam no campo jornalístico ao longo do tempo. Estes traços são verificados na profissão pelo menos desde o final do século XIX (Barbosa, 2000, p. 61-112).

Do período pós-redemocratização do país e início deste século, há algumas orientações gerais que compõem a práxis profissional: o desenvolvimento de um jornalismo mais apartidário, despolitizado e pluralista.

### **Referências Bibliográficas**

- ABREU, Alzira A. *Jornalistas e jornalismo econômico na transição democrática*. In: ABREU, ABREU, Alzira A., LATTMAN-WELTMAN, Fernando & Kornis, Mônica Almeida. *Mídia e Política no Brasil – jornalismo e ficção*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2003, 183p.
- \_\_\_\_\_. *Jornalistas e editorias de economia*. Artigo apresentado no 10º Encontro Anual da Compós, em Brasília, de 29 a 1º de junho de 2001, no Grupo de Trabalhos Estudos de Jornalismo, 13p. Disponível em [www.facom.ufba.br/pos/compos\\_gtjornalismo/home\\_2001.htm](http://www.facom.ufba.br/pos/compos_gtjornalismo/home_2001.htm). Acesso em 25/09/2003.
- BARBOSA, Marialva. *Quem são os jornalistas?* In: *Os Donos do Rio – Imprensa, Poder e Público*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2000, p.61-112.
- BOURDIEU, Pierre. *Campo do poder, campo intelectual e habitus de classe*. In: *A Economia das Trocas Simbólicas*. São Paulo: Perspectiva, 1999, 5ª edição, p.183-202.
- \_\_\_\_\_. *Sobre a Televisão – seguido de A influência do jornalismo e Os Jogos Olímpicos*. Trad. Maria Lúcia Machado. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1997, 143p.
- CALDAS, Suely. *Jornalismo econômico*. São Paulo: Contexto, 2003, 136p.





- DIMAS FILHO, Néelson. *Jornal do Commercio: a notícia dia a dia – 1827-1987*. Rio de Janeiro: Ed. Jornal do Commercio, 1987, 360p.
- LACHINI, Cláudio. *Anábase – História da Gazeta Mercantil*. São Paulo: Editora Lazuli, 2000, 332p.
- LENE, Hérica. *A crise da Gazeta Mercantil: tradição e ruptura do jornalismo econômico brasileiro*. Dissertação defendida no mestrado em Comunicação da UFF em janeiro de 2004, 212p.
- MOREIRA, Sônia Virgínia. *Análise documental como método e como técnica*. In: DUARTE, Jorge e BARROS, Antonio (org.) *Métodos e Técnicas de Pesquisa em Comunicação*. São Paulo: Editora Atlas, 2005, 380p.
- QUINTÃO, Aylê-Salassiê Figueiras. *O jornalismo econômico no Brasil depois de 1964*. Rio de Janeiro: Agir, 1987, 214p.
- PESQUISA NACIONAL POR AMOSTRA DE DOMICÍLIOS (PNAD 2002). IBGE. In: <http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/10102003pnad2002html.shtm>. Acesso em 27/02/2007.
- REIS, Julia. *Mulheres ocupam apenas 18% dos cargos de chefia no Brasil, diz pesquisa*. Matéria de 5/08/2005. In: [http://www2.uol.com.br/infopessoal/noticias/ HOME\\_OUTRAS\\_368965.shtml](http://www2.uol.com.br/infopessoal/noticias/ HOME_OUTRAS_368965.shtml). Acesso em 27/02/2007.
- RIBEIRO, Ana Paula Goulart. *Imprensa e história no Rio de Janeiro dos anos 50*. Tese de doutorado defendida na Escola de Comunicação na ECO/UFRJ, em setembro de 2000, 335p.
- RIBEIRO, Eduardo & PASCHOAL, Engel. *Jornalistas Brasileiros – quem é quem no jornalismo de economia*. São Paulo: Mega Brasil e Call Comunicações, 2005, 456p.
- Ribeiro, Eduardo. *Novo tabu quebrado pelas mulheres*. In: *Comunique-se* ([www.comunique-se.com.br](http://www.comunique-se.com.br)), 6 de abril de 2005. Acesso em 1º/03/2007.
- SODRÉ, Nelson Werneck. *História da Imprensa no Brasil*. Rio de Janeiro: Mauad, 1999, 501p.
- TRAVANCAS, Isabel Siqueira. *O mundo dos jornalistas*. São Paulo: Summus Editorial, 1993, vol. 43 da coleção Novas Buscas em Comunicação, 3ª edição, 114p.